

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR — ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	13200 réis
Seis mezes	6600 "
Para o Brazil, por anno	23000 "
Para a Africa, por anno	18200 "
Numero avulso	30 "

Annuncia-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração — RUA DA AGUA
FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originacs sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados
preço convencionado.

Boas-Festas

A administração d'este semanario apresenta a todos os seus Excellentissimos assignantes, leitores e colaboradores muito boas-festas, e faz votos para que, o novo anno, lhes traga a ventura e bem-estar que ambicionem.

A CRISE MINISTERIAL

Ha muito que corriam boatos de que o ministerio presidido pelo conselheiro Ferreira do Amaral não poderia sustentar-se no poder e que mais tarde ou mais cedo apresentaria a el-rei a sua demissão. Eram boatos que hoje corriam com insistencia, mas que no dia seguinte appareciam desmentidos, não se sabendo na realidade ao certo cousa alguma do que se passava nos bastidores ministeriaes.

Se vagamente transparecia algum innicio da fraqueza ingenua do gabinete, era isto de tal modo avolumado pela phantasia dos politicos de profissão, que o paiz quedava-se indeciso, não sabendo a que dar credito.

E falando do paiz, referimos ao paiz que trabalha, que pretende ordem, paz e socego, que quer acima de tudo a estabilidade administrativa; pois reconhece, comprehende perfeitamente que não é com mudança de ministerios, com pugnas de partidarios, com a instabilidade governativa que se poderão realisar as aspirações de ha muito manifestadas pelos que desejam que a nação portugueza entre de veras e a valer no largo caminho das reformas uteis e dos empreendimentos rasgados que a levem ao conseguimento dos seus ideaes.

Digamol-o com desassombro: não é regressando aos enredos e intrigas politicas, ás ambições de poder e ás vaidades

decorativas, que as instituições se avigorarão e que se entrará na normalidade, trabalhando-se utilmente na obra de regeneração em que todos falam e que infelizmente continua sempre no mesmo estado.

No momento actual tudo quanto importe ao bem da patria deve ser o objectivo de todos, governantes e governados.

Não desconhecemos que o chefe do partido progressista, conselheiro Jozé Luciano, inspirando-se n'um verdadeiro e são patriotismo, manteve-se sempre muito acima das conveniencias das facções, a fim de que a solução da crise ministerial se fizesse em harmonia com os momentosos e inconfundiveis interesses do paiz.

Procedeu como homem experiente, como estadista que sabe, sem illusões de especie alguma, quaes os perigos que rodeam as instituições, quaes as impreteriveis necessidades economicas e financeiras que assediam a nação, qual o caminho a seguir em circumstancias tão difficeis como as actuaes. Mostrou-se desprendido e, portanto, justo.

Poderemos dizer o mesmo do chefe do partido regenerador, partido minado por tantos elementos divergentes e por ambições que já se não occultam? Na verdade, a situação do sr. Julio de Vilhena está de tal modo subordinada ás desenhadas demonstrações dos marechaes do partido, que muito fez em dar no seu conselho certo tom de desprendimento n'essa desorientada impaciencia de derrubar um ministerio.

Podéramos alongar as nossas considerações e mostrar ao mesmo tempo que as paixões ardem sob as cinzas que as encobrem e que essas paixões não deixam ou não querem deixar que o paiz entre na moralidade. Mas para que? O nosso intuito é muito diverso e n'este momento consiste em que o novo governo abra á nação portugueza uma nova era, guiando o joven monarcha no

cumprimento da sua ardua missão.

E' difficil a situação; a propria crise ministerial veio pôr em manifesto os attrictos que se levantaram e as difficuldades que surgiram a cada passo. Hoje mais que nunca quer-se menos politica e mais administração. Nada de regressar aos tempos em que a politica era tudo, não se pensando nas aspirações do paiz e só em exclusivismos partidarios.

As consequencias d'essa politica ainda estão bem patentes.

Fabrica de Santo

ANTONIO DOS MILAGRES

do Pão de Ló de Figueiró dos Vinhos

Este magnifico estabelecimento consumiu na presente semana, no fabrico do seu excellento pão de ló, e outros artigos de doce, mil cento e tantas duzias d'ovos!! Chega a gente a não saber aonde haja tantas gallinhas para produzirem similhante quantidade d'ovos!!

NOTICIARIO

De visita ao meretissimo Juiz de Direito d'esta comarca, Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio de Castro Pereira e Solla e esposa encontram-se n'esta Villa o illustre Par do Reino e distincto Engenheiro Director no districto de Vizeu, Ex.^{mo} Sr. Bernardo d'Aguillar Teixeira Cardoso e sua Ex.^{ma} esposa D. Leopoldina Amelia d'Aguillar, acompanhados de sua interessanté e estremeida neta, filha do Ex.^{mo} Sr. Dr. Castro e Solla que vem passar as ferias do natal com seus paes.

Estiveram esta semana entre nós os nossos amigos Rev.^{es} Manuel dos Reis de Mattos, de Campello, e Pimentel, de Maçãs de D. Maria.

Tambem tivemos o gosto de receber na nossa redacção o nosso dedicado assignante Sr. João Rodrigués Junior, da Rebordosa.

A typographia d'este jornal vai mudar para o antigo Largo da Lorangeira d'esta Villa aonde com mais largueza poderá executar todos os serviços que lhe forem confiados.

Em que pensas?

Em que pensas mulher, em que meditas?!
Que sonhos te perpassam pela mente?!...
Tua expressão tão triste, francamente,
Mostra que penas soffres infinitas!...

Tuas faces outrora tão bonitas
Perderam o frescor. Hoje somente
Vejo nesse teu rosto descontente
Expressão de tormentos, de desditas

Porque soffres mulher?... O teu amante
Será causa de dor tão cruciante
De tortura, de magua tão intensa?!...

—Oh! não que meu amante já padece
Tambem sobre torturas adormece
E nas lagrimas seu amor condensa.—

Martyrio.

MANUEL COELHO FERNANDES DAVID
Relojoeiro e ourives

Aos seus Ex.^{mas} freguezes e
amigos deseja

BOAS-FESTAS

23 de Dezembro

ATENÇÃO

O fiscal Albino avisa todos os contribuintes para terem as suas propostas na repartição de fazenda até ao dia 31 do corrente, para não haver abuzos como tem havido, senão cumpro com a Lei em vigor.

Aos srs. assignantes

O ex-proprietario d'este semanario, Francisco Antonio d'Aguiar, pede aos cavalheiros que ainda lhe estão em divida de assignaturas, do tempo que lhe pertenceu (até 15 d'agosto de 1907) e especialmente aos assignantes de Africa e Brazil, o obsequio de lhe fazerem remessa das importancias para Moita, ou para Figueiró, ao actual proprietario.

Antecipadamente agradece tão subida fineza.

Matto ás carradas

Ao preço de 1\$400 reis por carrada, posto n'esta Villa á porta do comprador, vende o proprietario Joaquim Lacerda Junior, de Figueiró dos Vinhos.

Antipathias e sympathias

Não ha nenhum chefe de Estado ou ministro das grandes potencias que, a todos os momentos, não fale na manutenção da paz internacional como um grande beneficio para os povos em geral. Que é um beneficio ninguem o duvida, mas que, simultaneamente com a paz, se pensa na guerra, tambem é uma grande verdade.

Nunca como presentemente se tem falado tanto de paz entre os povos, se tem escripto a favor da concordia entre as nações e os homens e, apesar d'isso, é o que estamos vendo: por toda a parte hostilidades e odios entre nações, entre classes e entre partidos. Faz-se gala da palavra *fraternidade* na imprensa, nos discursos e até nos monumentos e a guerra civil está no coração de todos. Os jornaes, a par de alguns artigos cordatos desembestam em polemicas acerbas e violentas, de xindo a impressão de que todos estão com vontade de dar pancada, sendo apenas detidos pelo receio de... ir buscar lá e ficar tosquiado.

Sempre prompto a confundir a logica dos raciocinios com a realidade dos factos, os racionalistas não cessam de nos apregoar que os meios de communicção entre os homens, rapidos e multiplos contribuem immenso para a concordia e a boa harmonia dos povos. No entanto, diz um philosopho, o melhor meio de unir os homens não consiste em aproximal-os; quanto mais distantes estiverem, menos attrictos ha. Quando vivem juntos, os melhores amigos sentem-se, á mais pequena coisa, feridos nas suas susceptibilidades, não tardando a malquistar se.

O homem aspira á concordia, mas a natureza quer a discordia. Kant e Darwin entendem que, procedendo assim, a natureza visa ao progresso da especie por meio da lucta de todos contra todos. Sem duvida os homens trabalham em attennar as formas d'essa lucta, mas supprimil-a seria, alem de inutil, perigoso.

Na historia e na sociabilidade a antipathia representa um papel não menos util que a sympathia. O estu-

do da antipathia não tem sido tão grande como o da sympathia. Será por ser mais ingrato o estudo da antipathia? E' muito possivel.

Todavia, na opinião dos naturalistas, as mais oppostas manifestações da vida apresentam o mesmo interesse geral. Um humorista de genio Charles Lamb, que soube transformar pela bondade as suas desgraças em sympathia, diz que só abstrahindo-nos do mundo, é que poderemos sympathisar com todas as cousas e não experimentar repulsão por alguém ou por alguma coisa. Mas desde que estejamos encadeados ao mundo, ao theatro da nossa actividade, immediatamente sentimos, até ao excesso, essa impressão doentia das diferenças nacionaes e individuaes da especie humana. Tudo se resume então a inclinações e repulsões, a prejuizos e preconceitos, productos de preferencias e de repugnancias, de sympathias e antipathias.

A antipathia nasce como a sympathia, com a mais cega espontaneidade. A antipathia póde levar-nos até ao odio, sem nenhuma aggravão apparente.

Lamb cita a curiosa historia de um hespanhol que tentou assassinar um rei, não dando outra razão do seu acto senão a antipathia invejosa da que concebera contra o monarcha desde a primeira vez que o viu.

Em um conto de Oscar Wilde, um estheta tornou-se assassino da esposa, unicamente por esta ter os ossos demasiado espessos, o que ia de encontro á concepção que fizera da formosura feminina.

A antipathia é uma aversão natural e espontanea, estranha a qualquer calculo, a qualquer logica. O nosso espirito não sabe distinguir as causas da antipathia, se são justas ou falsas. A antipathia póde ser organica e physiologica. A vista e o cheiro representam n'ella um papel importante, parecendo d'este modo que a natureza trata de nos prevenir de que certas substancias e alimentos são nocivos e perigosos. A linguagem vulgar dá-nos uma idea da origem visual e olfatica da antipathia, quando dizemos de uma coisa ou de um homem. Que aversão ou nojo nos causa! E é isto effeti-

vamente: ou sympathia ou aversão. Proseguiremos.

SECÇÃO HISTORICA

D'«OS FRADES»

DE

JOÃO DE LEMOS

S. BRUNO

A liberdade tem obrigação de permitir ao que viu sumirem-se-lhe no sepulchro os objectos de todas as suas affeições terrestres, ao que se desenganou das mentiras da fortuna, ao que tem para adormentar um grande remorso, ou uma dolorosa paixão para extinguir, em summa a todos aquelles para quem o ermo, o altar, o silencio, a oração, a penitencia e a esperança se tornaram o unico remedio, o unico alvo de seus desejos instinctivos e salvadores, tem obrigação a liberdade, se o quizer ser, de lhes deixar no mundo um lugar, para onde se azylem da desesperação e do suicidio!

Concedamos até, por um momento, a feia mentira de que estes homens de espirito, assim reunidos, deixavam, enquanto ali permanecessem, de ser uteis aos outros seus concidadãos.

Quem den á sociedade o direito para exigir serviços de quem nenhum serviço exige d'ella? Por ter nascido entre os homens, o homem não abdica de todo o juz que tem naturalmente, de ser feliz pelo teor que mais lhe quadra, uma vez que não offenda nem incomode os outros.

O cartuxo ou o monge nada fazem que lhes seja defendido pela natureza: condemnando por supersticiosas as suas creenças, o philozophismo exerce um juizo tyrannico.

Neste antigo pleito entre a cidade e o ermo,—o ermo que reprehende a cidade como corrupta, a cidade que apupa o ermo como menteapto, nem o mandano nem o solitario podem ser juizes porque são partes:—obrigação é d'ambos tolerarem-se mutuamente, não podendo o monge mais do que prégar contra o que no viver profano lhe parece peccaminoso, nem o philozopho mais do que de-

clamar contra o que no dezerto lhe parece a elle fanatismo.

A disputa é licita, nem póde deixar de a haver: mas o que não é licito é que o philozopho, quando chegue a legislar, abuze da força para destruir o seu adversario.

Finalmente, quando o religioso, adoptada a sua futura e inevitavel reformatão, apresentará o sublime espectáculo do varão forte, captivo por escolha e livre no meio do seu captiveiro, composto e contente com a austeridade do seu destino, não deslizando nunca—porque não poderia—da sua perfeição relativa, ficará sendo um espelho e vivo exemplar de virtudes para o povo.

Se o convento é demaziado espiritual, demaziado terrestre é a cidade: a prezença ou a vizinhança do convento, sem a mudar na sua essencia, dar lhe-hia um «quid» mais de espiritualidade, no que nada se perderia.

Se os cemiterios são vizinhos de bom conselho para o povoado, se os proprios romanos pagãos semeavam os túmulos pelas orlas das vias publicas, porque se temerá a prégadoira prezença d'estes homens que são meio entre a vida e a morte?

Se nas universidades são ensinadas a moral e as leis, porque se affastaria o convento que as ensina pela practica?

Se ao erro e á impiedade assiste franca a imprensa e a conversação, se o prozelytismo heretico e desnacionalizador nos mina e contamina de todas as partes, porque se tolheria uma gotta de bálsamo onde tão ampla chaga está crescendo? Entre tantas serpes e viboras um dictamo, entre tantos espinhos para as almas delicadas, algumas rozas fragrantés que as suavizem!

Oh! quando chegará este dia tão de bençam para os interesses moraes e religiosos como para os interesses phyzicos e terrenos? Desterrae então, se quizerdes, os homens da sublime vocação, mas seja para as paragens agrestes e ainda incultas de nossas possessões além-mar, seja para os semi-africanos páramos d'essa deseconsolada província transtagana! Desterrae-os e esquecei-os.

XII

Continúa.

FOLHETIM

A HERDEIRA

II

Facto singular e que Eva estava longe de esperar; os ramos de amores perfeitos, de reflexos profundos e melancolicos, continuaram a ser lhe offerecidos. E havia seis mezes que isto durava. Seis mezes!

A epoca dos amores perfeitos havia passado e o desconhecido offerente continuava a envial-os com as mesmas precauções, sem por forma alguma divulgar a sua personalidade. Quem seria e como é que obtinha sempre tão delicadas flores especialmente na estação invernososa?

—Indubitavelmente — disse Eva consigo—ou são de estufa ou as manda vir de paizes mais quentes.

De qualquer dos modos o fiel desconhecido devia ter bastantes recursos para poder entregar-se áquella prodigalidade.

Toda a habitação da joven actriz se achava ornada de tão bellas flores, tendo comprado algumas floreas de porcelana finissima para sa-

collocar alli e ornar com ellas a mo desta sala de visitas, a saleta de *toilette* e até o quarto de dormir. Tambem no camarim do theatro tinha d'aquellas flores, apresentando-o no palco com o mais fresco dos ramilhetes, ensinando-lhe o corpete do vestido. Ninguem a via agora sem raminho de amores perfeitos.

Eva chegou a amar tão delicadas flores, como se sentisse uma attracção irresistivel por ellas. Dir-se ia até que se parecia com a mimosa flor, ao ve a com os seus olhos sonhadores de reflexos violetas, e com a suave melancolia que lhe velava o sorriso.

Aquellas flores, já que não conseguia elevar-se pelos papéis que lhe distribuiam ás culminancias da gloria artistica, devia uma particularidade tocante, que tornava menos rispido os empregarios ou directores do theatro, menos invejosas as collegas da scena e menos acriminosos os criticos theatraes. Estes ultimos haviam chegado a ser em extremo benevolos com a joven actriz dos amores perfeitos. Assim a denominavam!

Como é que Eva não havia de amar as preciosas flores! Até se deleitava com a originalidade d'aquelle idyllio tão mysterioso, unico nos annaes do theatro.

Por vezes, com um amor perfeito entre os dedos, procurava decifrar pela imaginação quem seria o fiel anonymo que lhe enviava os ramilhetes.

—Quem seria?—murmurava a sós consigo.

E como era nova, formosa e tinha todos os attractivos da mocidade, acrescentava sem a menor hesitação:

—Evidentemente deve ser um rapaz novo, bem posto, bello e elegante, rico sem a menor sombra de duvida e dotado de uma alma delicada e terna. Estas flores o affirmam, devendo ser a completa significação da sua alma!

E deixando evolvar sem o menor obstaculo a phantasia, voltava a murmurar:

—Sim, deve possuir todas essas qualidades phyzicas e moraes. O que não comprehendo, porem, é tanta timidez e mysterio!... Quem sabe! Talvez tenha passado pela amargura de algum primeiro amor mallogrado e não se sinta com energia para recommear outro. Mas será isso? Não será algum coração ingenuo e timido, tão timido que se ruborise diante da mulher, por muito grande que seja a sua paixão? Não é a primeira

vez que assim succede, segundo me têm affirmado!

E era assim, á mercê da sua imaginação, nas meditações e devaneios que a todos os instantes a assaltavam, que Eva, com o olhar vagamente fixo nos raminhos de amores perfeitos, constituia e modelava o mysterioso adorador.

Este nem sempre tinha o mesmo aspecto; ora era louro, ora tinha os cabellos pretos; mas de qualquer modo sempre seductor, extremamente distincto e affectuoso, algum tanto sonhador e por conseguinte poeta.

A joven actriz, perante aquelle adorador que se mantinha sob a penumbra do mysterio, chegou a experimentar uma vaga delicia, que não queria traduzir como paixão, mas que era effectivamente.

Sim; Eva estava apaixonada pelo mysterioso incognito.

—Qualquer dia—dizia consigo—o acaso, um encontro fortuito, um d'esses encontros a que estão fatalmente sujeitos todos os que se amam, descobrirá o meu discreto adorador e então... Oh! Como saberei encuti-lhe alento e coragem, confessando-lhe que o amo tambem com paixão e com o mais dedicado enthusiasmo!

(Continúa).

Abstracções

Grandes tunantes do mundo
Ou homens despidorados,
Quer inuptos, quer cazados,
Pensae na torpeza a fundo!

Deixae-vos d'essa loucura
Que vossas filhas coitadas,
Apezar d'ingenuas fadas,
Podem pagar com uzura!

Gostarias vós de ver
A vossa filha querida,
Torpemente seduzida,
Calcar a pés seu dever?

E, passados alguns dias,
Puderias conceber
Que esse anjo, sem o saber,
Fosse a vaza das orgias?

E que mais tarde, ao sabel-o,
De infame vos apodasse
E contra o ceu blasphemasse
Já sem temor de offendel-o?

E gostarias tambem
Que a mamam de vossa filha
Se desse a qualquer pandilha,
Com mais ou menos desdem?!

Pensae pois bem na loucura,
E dizei nos com franqueza
Se não é uma torpeza
Conspurcar a virgem pura,

Quando ha tanta desgraçada
Que já não tem que guardar,
Para vos acompanhar
E servir na vida airada!?

E tu, criança adoravel
Mas quicá tibias de mais,
Não deshonras a teus paes
Com uma fuga execravel!

Só n'um cazo tem lugar
Da caza paterna a fuga:
E quando a bella transfuga
Se expõe de mais ao luar:

E rindo honesta brejeira,
Bem que o contrario pareça,
Chega a perder a cabeça
Até cahir n'essa asneira!

Mas loira tão pouco Vesta
Nem para bohemios presta.

L. Malheiros.

1:000\$000 REIS

Emprestam-se sobre hypotheca
ou letra com bons fiadores. Tambem
se dividem em parcelas não inferiores
a 50\$000 reis.

Trata-se com o —Perdigão—.
Figueiró dos Vinhos.

Tolstoi

Um jornalista catholico belga, fal-
laudo do célebre Leão Tolstoi, es-
creve o seguinte a seu respeito:

De tempos a tempos espalha so-
bre o mundo uma brochura que,
quaze immediatamente traduzida em
todas as linguas, produz geralmente
um effeito de estupificação.

«Diz aos governantes: Sois uns
tyrannos, porque roda a auctoridade
é uma usurpação; aos revolu-
cionarios: Sois uns criminozos, porque é
prohibido pagar-se o mal com o mal;
aos ricos: Sois uns ladrões, porque
a propriedade só pertence a Deus;
aos que se entregam aos prazeres:
Sois uns desgraçados, porque os vos-
sos peccados vos martyrizam o corpo
e a alma; aos sabios: Sois uns his-
trões, porque o homem nada pôde
fazer da vossa sciencia; aos artistas:
Sois uns corruptos, porque a vossa
arte é um fogo estéril e culpozo.»

Descontenta a toda a gente, e com-
tudo toda a gente o escuta com ex-

tranha emoção. E não creio que ha-
ja actualmente uma voz que tanto
agite as consciencias como a d'esse
velho exaltado, paradoxal e resmun-
gão.

1—XI—08. D'«O P. Catholico».

—Este homem, que a todos ex-
probra, porque a nenhum acha no
sen lugar, é realmente o «non plus
ultra» do inexplicavel.

Mas que quererá elle? E' certo
que, no meio de tudo isto, alguma
coiza deve querer. Mas o quê?

Este homem, que diz que a pro-
priedade só pertence a Deus, que
toda a auctoridade é uma usurpa-
ção, mas que os revolucionarios são
uns criminozos, porque é prohibido
pagar-se o mal com o mal, deve ser
bom homem, porque reconhece a
Deus, azorraga o crime, exprobra o
vicio, increpa o mal.

Mas este homem, este grande agi-
tador popular é um enigma, um so-
nhador que quer o que não pôde ser
porque, ao que parece, fazer do mun-
do um «paiz d'anjos», cujo Gover-
nador Geral seja o Deus do ceu, é
tão utopico como impossivel.

L. Malheiros.

Biblias Sagradas

Se hoje se fizesse um arrolamento
das existentes em Portugal e seus do-
mínios, quantas appareceriam com-
pletas? Talvez nem vinte por cento,
talvez nem dez!

E porquê? Porque «Aquelles a
quem de direito cumpre o fazel-as
imprimir e circular, vigiando sempre
pela sua integridade», em vez de o
fazer, tem mas é deixado o campo
livre aos sollicitos anglicanos que as
tem feito editar a seu modo e dif-
fundido por toda a parte, como bons
propagandistas que são da reforma
lutherana.

Assim, nas que ultimamente por al-
si se andaram vendendo a 300 rées
cada uma, faltam os quatro livros de
Tobias, de Judith, e os dois dos Ma-
chabens, que —principalmente estes
e o primeiro— são, como é sabido,
os que —pelo sublime da sua moral
e prodigioso das suas doutrinas—
menos conveem aos «zelozos angli-
canos ou protestantes», que não acré-
ditam em milagres nem querem sa-
ber de prodigios.

Deviamos talvez ficar por aqui;
mas não, para terminar, julgamos
anda necessario dizer ao leitor que
os propagandistas do lutheranismo
—para melhor illudirem os incautos
—se cobrem com o nome do grande
latinista «Padre Antonio Pereira de
Figueiredo» que, tendo effectiva-
mente traduzido a Biblia Sagrada,
segundo a «Vigata Latina, mas mor-
rido já em 1797 ou ha 111 annos,
nada tem com as alterações, trunca-
gens e excluzões de livros inteiros,
que d'então para cá se tem dado,
estão dando e continuarão a dar, em-
quanto «Aquelles a quem de direito
compete evitar abuzos taes», os não
quizerem ou souberem evitar como
convinha, não só á Religião mas
tambem ao Estado, que assim se tem
deixado e vae deixando prejudicar.

A. d'Almeida.

—As Biblias em questão não im-
dicam a typographia onde são fabri-
cadas, lendo-se apenas no fim do
frontispicio:

«Deposito das Escripturas Sagra-

das—Rua das Janellas Verdes, 32
—Lisboa—1902».

O que á primeira vista parece di-
zer que ellas são impressas em Lon-
dres, indo para lá o dinheiro que cá
pudia ficar.

Mas não, isso não, que o Gover-
no e o Fisco o teriam impedido.

ANNUNCIO

(1.ª praça)

No dia 24 de janeiro proximo fu-
turo, pelas 12 horas da manhã, á
porta do tribunal judicial d'esta Co-
marca, e nos autos de execução por
custas e sellos que a Fazenda Nacio-
nal move contra Affonso Fernandes
Lopes, da Lameira Cimeira, se hão
de arrematar, em hasta publica, a
quem maior lanço offerecer, acima
do valor da avaliação, os predios pe-
nhorados na referida execução, se-
guintes:

Uma sorte de matto sita ao Co-
chão, avaliada em 15\$000 reis.

Uma sorte de matto com carva-
lhos, sita ao Pinheiro do Bolim, ava-
liada em 18\$000 reis.

Uma sorte de terra de sementeira
e matto, sita ao Covão do Ratto,
avaliada em 9\$000 reis.

Uma terra de sementeira com oli-
veiras, sita aos Linhares, avaliada
em 40\$000 reis.

Um batoreu com matto e pinhei-
ros, sito ao Moinho, avaliado em
8\$000 reis.

Metade d'um predio de casas de
habitação com um quintal com oli-
veiras, sita na Lameira Cimeira, ava-
liada em 65\$000 reis.

Uma terra de sementeira, sita á
Terra da Nogueira, avaliada em reis
18\$000.

Uma terra com oliveiras, sobreiras
e matto, sita ao Olival da Eira, ava-
liada em 13\$500 reis.

Um olival, sito á Galharda, avalia-
do em 36\$000 reis.

Uma sorte de terra de sementeira
com matto, sita á Terra da Barroca,
avaliada na quantia de 14\$000 reis.

Uma sorte de matto e pinheiros,
sita á Relvinha, avaliada em 12\$000
reis.

Metade d'uma sorte de matto e pi-
nheiros, sita ao Covão Grande, ava-
liada em 15\$000 reis.

Pelo presente são citadas todas as
pessoas incertas que se julguem com
direito a estes bens, a deduzil-o no
prazo legal.

Figueiró dos Vinhos, 23 de dezem-
bro de 1908.

O escrivão do 3.º officio
Elysió Nunes de Carvalho.

Verifiquei.

O Juiz de Direito
Pereira e Solla.

Editos de oito dias

(1.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo commercial da comar-
ca de Figueiró dos Vinhos e cartorio
do escrivão Jardim, correm editos de
oito dias a contar da ultima publi-
cação, citando o fallido José das Ne-
ves, da Castanheira de Pera, e os
seus credores Maria do Carmo, viu-
va, de Pedrogam Grande, Eugenio
Amaro, da Louzã, Domingos Corrêa
de Carvalho, da Castanheira de Pe-
ra, Augusto Maria dos Santos, da
Castanheira de Pera, Manuel Corrêa
de Carvalho, do mesmo lugar, Ma-
nuel Antunes Ceppas, Manuel Alves
Behiano, José Alves Callado, Manuel
Fernandes de Carvalho, todos do di-
to lugar, José Manuel Godinho, d'es-
ta villa, David de Sousa Gonçalves,
de Coimbra, João da Silva Corrêa,
do Ameal, Joaquina Candida da Cou-
ceição, do Casalinho, Benedicta Ma-
ria de Carvalho, de Pera, Adrião das

Neves Diniz, d'Alvares, Manuel Si-
mões Louro, do Coentral, Albano
Baetta Byssaia Barreto, de Cuba,
Mathilde do Sacramento Nunes da
Matta, do Bailão, José Duarte Areo-
sa, de Coimbra, José Joaquim de Fi-
gueiredo Lima, de Pinhel, Joaquina
Maria, do Coentral, Abel Carlos Hen-
riques, da Gestosa Cimeira, todos,
para, dentro de cinco dias depois de
findo o prazo dos editos, dizerem o
que se lhes offerecer, acerca das con-
tas apresentadas pelo administrador
da massa fallida, nos autos de fal-
lencia do dito José das Neves.

Figueiró dos Vinhos, 15 de De-
zembro de 1908.

O escrivão do 1.º officio
Joaquim F. de Campos Jardim.
Verifiquei.

O Juiz Presidente.
Pereira e Solla.

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

No dia 10 do proximo mez de ja-
neiro, por 12 horas do dia, á porta
do tribunal judicial d'esta comarca,
se hão de arrematar em hasta pu-
blica, a quem maior lanço offerecer,
os predios abaixo indicados, penho-
rados nos autos de execução hypo-
thecaria que Luiza Alves de Carva-
lho e filhos, d'Alagôa, movem con-
tra Anna de Jesus, de Aldeia das
Freiras, a saber:

1.º

Uma morada de casas de sobrado
e lojas, com pateo, curral e quintal,
em Aldeia das Freiras, avaliado em
220\$000 reis.

2.º

Serra de sementeira de secca,
com dois castanheiros, no sitio da
Tapada, em 50\$000 reis.

3.º

Terra de sementeira de rega, no
Laparinho, em 45\$000 reis.

4.º

Terra de sementeira de secca,
com oliveiras, na Fonte da Lamei-
ra, em 25\$000 reis.

São citados quaesquer credores
incertos.

Figueiró dos Vinhos, 11 de de-
zembro de 1908

O escrivão do 1.º officio,
Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
Pereira e Solla.

ANNUNCIO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 27 do corrente mez pelas
doze horas da manhã, no sitio da
Estação, limite de Almofalla de Bai-
xo, freguezia d'Aguda, e no estabe-
lecimento do fallido João Alves Ma-
ria, se hão de arrematar em hasta
publica pelo maior lanço offerecido
acima do valor da avaliação, todos
os moveis arrolados constantes das
verbas n.ºs 1 a 41 inclusivê, confor-
me se acham descriptos no respectivo
auto de arrolamento, e que constam
de varias fazendas d'algodão,
chailles e barretes de lã, caixas de
miudezas, moinho de moer café, ba-
lança decimal, sulfato de cobre, cai-
xotes, uma pipa, muitos objectos de
vidro, armação da loja etc.

Figueiró dos Vinhos, 14 de de-
zembro de 1908.

O Escrivão
Elysió Nunes de Carvalho.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz Presidente
Pereira e Solla.

ADVOGADO**Marcolino da Silva**

Escritorio no Largo do Con-
selleiro João Franco, defronte do Tri-
bunal (casa do Sr. Jeronymo Agria,
aonde actualmente tem fixada a sua
residencia), podendo ser procurado
todos os dias das 9 horas da manhã
às 3 da tarde.

DEPOSITO

DE

Adubos Chimicos

Fornecidos de todas as
qualidades da fabrica de

Bachofen e Onião Fabril

Quem pretender dirija-se a **Jo-
sé Joaquim**, do Colmeal, com
deposito em casa do Sr. Antonio
d'Araujo, em Figueiró dos Vinhos.

LATOARIA

E

CALDEIRARIA CENTRAL**MIGUEL HENRIQUES FERNANDES**

com

OFFICINA DE LATOARIA
E CALDEIRARIA

Encarrega-se de todos os
trabalhos concernentes a estes
dois ramos de industria, para
o que tem pessel habitado.

Preços modicos

Rua Everard, 103-105

THOMAR**ADUBOS CHIMICOS**

DA CASA

Henry Bachofen & C.^a
DE LISBOA

A mais importante fabrica do
paiz e unica onde se
fabricam superphosphatos

Aos que ainda não tenham appli-
cado os adubos chimicos nas suas
sementeiras, pede-se a fineza de in-
formar-se, sobre o resultado obtido
com os adubos da casa **Henry
Bachofen & C.^a**

Em Figueiró dos Vinhos—Sr. Ma-
nuel Rodrigues Perdigão.

Em Pedrogam Grande—Srs. Dr.
Eduardo Magalhães e José Pires.

Em Castanheira de Pera—Sr. An-
tonio Alexandre Alves Correia.

Em Certã—Sr. David Eunes e
Silva.

Em Pedrogam Pequeno—Sr.^a Fa-
milia Serra.

Alem de outros competentissimos
consumidores.

Todos os pedidos podem ser fei-
tos directamente aos fabricantes, ou
ao

Grande deposito
em Pedrogam Grande de
Manoel Rodrigues

RELOJOARIA BARROCAS**FIGUEIRÓ DOS VINHOS**

Bom sortimento em relógios de
meza e parede; relógios mourês de
pesos com figura na pendula; des-
pertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas—
Vulcain Longines Civil Cronome-
tro Naval e outras marcas, garanti-
dos por um e dois annos.

Machinas de costura de differen-
tes marcas, e todas as peças pertencen-
tes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brin-
cos, botões, cruzes, fios, alfinetes,
aneis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro
velho, moedas de ouro antigas ou
modernas.

Concertos garantidos em relógios,
machinas fallantes, caixas de muzica
e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da igreja)

*Manuel Coelho Fernandes David.***PÃO DE LÓ**

DA FABRICA DE

ASNTO ANTONIO DOS MILÁGRES

DE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que
não tem competidor no nosso
paiz.

➔ Pedidos directa-
mente á fabrica.

HOTEL CUNHA

AOS visitantes d'esta fermosa Vil-
la, se recommenda o **Hotel
Cunha** pelo seu bom tratamento,
boas accommodações e esmeradissi-
mo asseio.

➔ *Preços convidativos.*

O Proprietario

João Pedro Godinho**FIGUEIRÓ DOS VINHOS.**

Nota.—Este «Hotel» fica proximo
da Alquilaria do Sr. José Teixei-
ra d'Araujo.

FABRICA DE SABÃO

EM

PEDROGAM GRANDE

Acaba de ser montada e tem
já á venda por grosso, todas as
marcas de sabão uzadas até
hoje.

Qualidades garantidas a pre-
ços resumidos.

Os proprietarios

*José Henriques da Silveira & Silva.***ESCRITORIO FORENSE****Rua do Ouro, 170, 2.º**Telephone 2:183. Telegr.^a«Leque»—**LISBOA****LEITÃO & ALBUQUERQUE**

N'este escritorio, com a maxima
seriedade e brevidade e sob a geren-
cia do socio Arnaldo d'Albuquerque,
solicitador encartado n'esta comarca,
se toma conta e dirige qualquer as-
sumpto forense ou commerciar por
preços relativamente modicos.

Pleitos judiciais, taes como, habi-
litações, inventarios, separações, li-
quidações d'espólios, despejos, etc.,
e quaesquer demandas em geral.

Recursos, em todos os tribunaes
superiores.

Pendencias, em todos os ministe-
rios, repartições, despachos eccle-
siasticos, legalisação de procurações,
certidões e quaesquer documentos
estrangeiros e suas traducções ou
quaesquer outras.

Recebimentos, de dividas, rendas,
fóros, pensões, juros d'inscrições,
acções, obrigações, etc., e averba-
mentos d'estas.

Anuncios para o «Diario do Go-
verno» e todos os jornaes da capital
e provincias, reclames, etc.

Encomendas de toda a especie,
suas remessas para a provincia, illas
e colonias.

Assiganturas de quaesquer obras
litterarias scientificas e de recreio,
tanto nacionaes como estrangeiras.

Administrações de casas particu-
lares.

Representações de casas commer-
ciaes e industriaes nacionaes e es-
trangeiras.

Sobre a seriedade e compe-
tencia d'este escritorio dão
referencia as seguintes casas
commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.^a—R. Nova do Almada, 111

a 213.

Paiva Irmãos—Praça do Municipio, 13, 2.º

Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd^o)—

R. da Magdalena, 11.

Irmãos David (Retozaria)—R. Garrett, 112 a 118.

Joaquim Nunes Coelho—R. de S. Paulo, 188.

Joaquim Pires Mendes—R. dos Bacalhoiros, 28.

Jerónimo Martins e Filho—R. Garrett, 13 a 19.

Alfonso de Barros & C.^a—R. Augusta, 72 a 79.**NA LOJA**

DOS

QUATRO GLOBOS**FIGUEIRÓ DOS VINHOS**N'ESTE ESTABELECIMENTO
encontram-se á venda**camas de ferro a 2\$000,**

ditas do mesmo metal (em diferentes fei-
tidos), ditas de madeira (á franceza).—Me-
zas de cabeceira (com pedra e sem ella).—
Colchoaria completa.—Lavatorios (com to-
dos os seus pertences).—Cabides de ma-
deira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e
gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em ar-
mures (pretos e de cores).—Lenços de seda e de lã.—Relógios de meza
(affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e
vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

*Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos
os artigos, peso e medida.*

Benjamin A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se em vir acto
continuo.

Usae o Fuminol**Contra o vicio do fumar**

Em poucos dias desaparece
este prejudicial vicio bo-
chechando com o «Fuminol»
—que é inoffensivo, não tem
mau paladar e é d'um effeito
seguro e rapido.

Frasco 400 reis.

Pelo correio 450 reis.

➔ Remette-se a quem enviar a

sua importancia á

—**PHARMACIA CAMPOS**—**Estarreja—Saheu****HOTEL VIZIENSE**

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor
situados, já bem conhecido do
publico, recommenda-se sobre-
maneira, pelos modicos pre-
ços, que são 800 reis por dia,
bom tratamento e esmerado
asseio com que trata os seus
hospedes.

Tambem recebe hospedes só
para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que
desejem henral-o procurando
o seu hotel, a fineza de avisal-o
da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr.
Francisco Rodrigues Ferreira,
d'esta villa, prestam-se quaes-
quer informações.